

com a modernidade, a sua noção de «realismo crítico» que propõe como alternativa adequada, a consequente substituição de uma «teologia teórica» por uma «teologia metódica». Faz o balanço dos consensos e dissensões em torno da sua proposta.

A parte dedicada a uma amostragem de textos do autor monografado é preenchida com um excerto sobre as origens do realismo cristão. O volume é completado com a bibliografia activa e passiva.

JORGE COUTINHO

MARTÍNEZ LOZANO, Enrique, **¿Qué Dios y que salvación? Claves para entender el cambio religioso**, Desclée de Brouwer (www.edesclée.com), Bilbao, 2008, 280 p., 210 x 150, ISBN 978-84-330-2222-6.

Martínez Lozano é, simultaneamente, psicoterapeuta, sociólogo e teólogo. Na sua própria formação e personalidade, está preparado para uma compreensão interdisciplinar dos graves problemas que aborda neste livro: que Deus? que salvação? Mas também: que Igreja e que crente? Por suposto, subentendido sempre: que Deus, etc. devem ser pensados (e/ou realizados/vividos) no contexto presente da história cultural. A sua preocupação de fundo é, pastoralmente, a de ajudar a compreender o mal-estar e a dificuldade que hoje se sente em falar de coisas como Deus, salvação, Igreja, e do género. E de propor alternativas.

O discurso é conduzido, socrática e platonicamente, em forma dialógica (diálogo com perguntas e respostas) e dialéctica, porque cada pergunta provoca a resposta e cada resposta provoca uma nova pergunta, num processo de pensamento sempre a progredir em círculo aberto.

O que mais frequentemente se designa como profunda mutação cultural, é aqui apresentado, em termos, no fundo equivalentes, de novo estágio da consciência e novo paradigma da vida. De facto, o texto começa com um primeiro grande capítulo – «A evolução da consciência: estádios e paradigmas» – em que o autor analisa a evolução da consciência (enquanto «modo de percepção da realidade»: p. 13). Seguem-se os capítulos «Que Deus?» e «Que salvação?», e ainda um epílogo («Que Igreja e que crente?») e um anexo («Que eu? Modalidades da prática meditativa»).

Kuhnianamente, o autor utiliza, de modo feliz, o conceito de paradigma e, bem assim, o gadameriano de horizonte (histórico) de compreensão. O processo histórico, necessariamente evolutivo, de procura da verdade obedece, então, a pressupostos e a paradigmas. Os três grandes paradigmas são o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno. De um estágio primitivo, mágico e mítico, passou-se ao de uma consciência racional-egoica, até se chegar ao tempo que nos toca, da chamada pós-modernidade, o qual é aqui apresentado como o de uma consciência transpessoal, por mais que a maioria das pessoas continue a cultivar um feroz individualismo, herdado do estágio moderno. O estágio pós-moderno é caracterizado através da metáfora da *rede*, como cultura da dissolução do «eu». Tem as suas expressões concretas em realidades como a internet, a globalização ou a Nova Era (*New Age*).

A evolução da consciência corresponde a evolução da ideia de verdade e do que é entendido como verdade sobre coisas essenciais, como Deus e a salvação. Como pensar estas coisas no interior deste novo estágio da consciência? Na sua tentativa de resposta, Martínez Lozano parece, aqui e além, exceder o razoável, denunciando talvez ausência de uma mais sólida formação filosófica. Tal acontece, p. ex., quando

diz, simplesmente, que Deus «não pode ser pensado» (p. 93). Subentende pensado «por conceitos» e, como tal, (de)limitado e falseado. Nesse sentido, tem razão. Já Agostinho, aliás, dizia bem quando dizia: «Si comprehendis, non est Deus». Martínez L., porém, deixa de fora a hipótese de O pensar, como faz p. ex. Lévinas, como ideia finita do Infinito em nós. Ideia aberta, portanto, que evita incluir Deus na mesmidade unívoca de nós e do mundo. Ou como G. Marcel, que defendia, com razão, que, no pensamento humano, melhor que tentar «pensar (sur) Dieu», se procurará «pensar à Dieu». A esta tentativa de aprisionarmos Deus em nossos conceitos o autor faz corresponder a ideia de um Deus e uma religião de interesses em conflito com os interesses do indivíduo humano.

É evidente que estamos a simplificar, o que pode ser traiçoeiro para a verdade que o livro pretende dizer. As análises, críticas e propostas alternativas continuam. Sempre com a intenção de purificar a ideia de Deus (tal como a de salvação) e de a integrar na nova consciência da humanidade. Muita coisa de efectiva pertinência e interesse está aí, no trabalho de Martínez Lozano. A ler, todavia, com algum cuidado. P. ex., quando, integrando-se na via da teologia negativa, diz que convém pensar Deus como «o Vazio absoluto em que tudo é e que em tudo se manifesta» (p. 128); ou quando fala da ideologia da verdade absoluta, contraponto da ideologia do relativismo absoluto (p. 160). O caso é que, a seu modo, a verdade «em si» é sempre absoluta; relativos são o nosso conhecimento e a nossa expressão dela, seja enquanto verdade «para nós» (verdade hermenêutica) seja enquanto verdade «em nós» (verdade-correspondência). Só assim faz sentido falar de relatividade da verdade: o relativo é-o em face de algo de absoluto. Ou quando propõe que se

pense a salvação em termos de uma certa Unidade holística, sem dualismo de terra e Céu, homem e Deus (p. 206ss), embora tenha o cuidado de distinguir panteísmo de panenteísmo.

Como quer que seja, o livro, escrito com algum entusiasmo e algum calor, presta-se, sem dúvida, à revisão de muitas ideias, linguagens e comportamentos, por parte de quem pretenda falar de Deus e de salvação ou apresentar uma ideia da Igreja e da crença, sugerindo a ultrapassagem de modelos ultrapassados, próprios de paradigmas culturais ou de estádios de consciência colectiva hoje efectivamente ultrapassados. A pastoral, a liturgia, a pregação... podem ter muito a ganhar com as análises e as propostas apresentadas por Martínez Lozano. Uma selecta bibliografia, em nove páginas, enriquece o volume.

JORGE COUTINHO

PULIDO, Manuel Lázaro (Ed.), **El amor de Dios que es amor. Reflexiones en torno a la encíclica de Benedicto XVI *Deus caritas est***, Instituto Teológico «San Pedro de Alcántara», Cáceres, 2007, 416 p., 240 x 160, ISBN 978-84-611-6367-0.

O Instituto Teológico San Pedro de Alcántara teve a feliz ideia de promover um encontro de professores provenientes daquele mesmo Instituto e de outros centros teológicos e universitários, no intuito de aprofundar alguns dos múltiplos aspectos que se oferecem à consideração e sentidos que podem ser extraídos da encíclica *Deus caritas est*, mormente desta afirmação central que lhe serve de título. Resultou daí um conjunto de estudos, que M. Lázaro Pulido coligiu neste volume.

Cruzam-se nele, interdisciplinarmente, contribuições da Sagrada Escritura e da